

## Em contexto

PARA ENXERGAR ALÉM DOS FATOS

### A Bélgica pode sumir do mapa?

Juliano Machado

**IMAGINE** um país onde o líder do partido vencedor das eleições não quer assumir o governo. Nem o segundo colocado. Este é o momento político surreal da Bélgica desde a semana passada, quando a população foi às urnas. A explicação está na própria identidade do Estado belga, dividido em duas regiões que não se entendem na língua e em vários outros assuntos: ao norte, Flandres, mais rica, que fala holandês; ao sul, a Valônia, menos desenvolvida, onde o idioma é o francês. O pior cenário dessa rixa seria a dissolução do reino da Bélgica, criado em 1830 ao se separar da Holanda.

A legenda vitoriosa foi a Nova Aliança Flamenga (NVA), com 27 das 150 cadeiras do Parlamento. Seu líder, Bart de Wever, comunicou ao rei Albert II que não pretende assumir como primeiro-ministro. A plataforma da NVA é uma reforma para dar mais autonomia a Flandres em relação a finanças públicas e seguridade social. De Wever não esconde que seria apenas um estágio para a independência de Flandres e a “evaporação” da Bélgica. Apesar do maior número de assentos, De Wever sabe que precisaria negociar com os partidos francófonos, cujo objetivo

**UNIDADE**  
Ato contra a independência de Flandres, em Bruxelas: “Sim, nós queremos viver juntos”, diz a faixa



é manter a unidade nacional e os direitos uniformes a todos os cidadãos belgas. A maior força política do lado valão é o Partido Socialista (PS), com 26 cadeiras. O líder flamengo não parece disposto a fazer concessões e irritar a população de Flandres, insatisfeita com o fato de que, todo ano, a região transfere cerca de € 10 bilhões à Valônia.

O chefe do PS, Elio di Rupo, seria a alternativa natural como premiê. Francófono, porém, ele teria poucas chances de formar uma coalizão. Na Bélgica, o eleitor pode votar apenas nos partidos de sua região: flamengo vota em flamengo e valão em valão. Só na capital, Bruxelas, onde se fala francês e holandês, há um sistema misto. O número de cadeiras no Parlamento é proporcional à população de cada região, e os partidos flamengos normalmente

são maioria. Desde 1978, todos os premiês são flamengos.

Apesar da ascensão separatista, um fim iminente da Bélgica soa exagerado. “Não há risco a curto prazo. Se a independência de Flandres vier, não será antes de 30 a 50 anos”, diz Régis Dandoy, da Universidade Livre de Bruxelas. Os belgas estão oficialmente sem premiê desde abril, quando Yves Leterme renunciou por não ter conseguido resolver a questão do direito de voto de francófonos em áreas flamengas da região de Bruxelas. É uma situação incômoda, ainda mais porque Bruxelas abriga a sede da União Europeia e o país assumirá a presidência rotativa da entidade em 1º de julho. No coração da unidade entre os europeus, o que reina é a desunião.

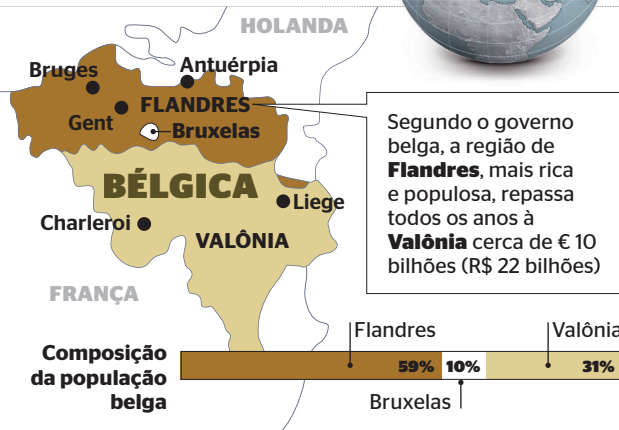
Fotos: Virginia Mayo/AP



#### UM PAÍS RACHADO

As eleições da semana passada na Bélgica aprofundaram a divisão entre a região separatista de Flandres e a Valônia

<b>Governo</b>	Monarquia parlamentar
<b>População</b>	10,4 milhões
<b>Área</b>	30.528 km²
<b>PIB</b>	US\$ 381 bilhões
<b>Língua</b>	■ Holandês ■ Francês □ Holandês e francês



#### A ascensão dos separatistas

Os partidos pró-independência aumentam presença no Parlamento - em número de cadeiras

- Flamengos separatistas
- Flamengos moderados
- Francófonos

